

Recensões

natal, ou não fosse, também ele, um brácaro. O autor é, portanto, merecedor do nosso aplauso.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

Colleen McCullough, *A Canção de Tróia*, Difel, Algés, 1999

Em Março de 1999, surgiu em Portugal um novo romance de Colleen McCullough, escritora australiana que, nos últimos anos, tem vindo a publicar alguns livros cuja temática se prende com a Antiguidade Clássica. Assim, depois de cinco volumes dedicados à figura de Júlio César⁸ e ao conturbado tempo em que se desenrolou a sua vida, surge agora uma obra inteiramente dedicada à guerra de Tróia e aos que nela tiveram um papel fundamental.

Apesar de concebida como romance, a obra em questão não deixa de surpreender o leitor por analisar, de forma aprofundada e quase completa, os diversos intervenientes na guerra e os episódios míticos que os envolvem. Ao longo de trinta e três capítulos, a acção aparece, assim, recheada de pequenas histórias, intrigas ou lendas relacionadas com as diversas personagens e que enriquecem a acção central, permitindo a qualquer leitor obter um conhecimento alargado sobre a guerra, as suas causas e conseqüências. A principal virtude deste método reside, em nosso entender, na visão de conjunto que o leitor obtém dos mitos e lendas gregas, em detrimento do tratamento isolado que normalmente os mesmos sofrem e que não permitem um olhar abrangente sobre a história e mitografia gregas.

A obra, por outro lado, não se limita a narrar os acontecimentos que rodearam a guerra propriamente dita, mas procura dar a conhecer também os antecedentes de personagens que contribuem decisivamente para o desenrolar da acção. Com este propósito, os primeiros capítulos versam sobre os motivos primordiais da inimizade entre gregos e troianos, os antecedentes do casamento de Tétis e Peleu, a educação ministrada a Ájax e Aquiles, o perfil psicológico de Helena, o casamento desta e a conduta de Páris em Tróia.

Cada um destes capítulos, assim como os restantes, apresenta uma curiosa e original característica: a voz narrativa (sempre na primeira pessoa, engenhosamente recordando a tradição oral, tão típica da literatura antiga), que pertence em todo o tempo a uma personagem envolvida na acção, vai mudando em cada um, o que permite ao leitor não só analisar a personalidade das personagens (que se revelam psicologicamente densas e profundamente conhecedoras da sua própria forma de actuar e do destino que as espera), como também aperceber-se da diferente perspectiva da guerra que cada uma

⁸ Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma*, 5 vol, (Algés 1996 ss)

Recensões

possui. Assim sendo, a visão global do conflito revela-se bastante profunda, dada a latitude de visões e opiniões reveladas.

Em complemento a esta riqueza de informação, surgem ainda dois mapas da região do mar Egeu que permitem ao leitor uma localização rápida e clara dos locais que vão sendo referidos na obra. Falta, porém, um pequeno índice para facilitar a rápida localização dos diversos capítulos.

Outra das virtudes da obra reside, em nosso entender, no facto de toda a história estar profundamente humanizada. Sem perder de vista a religião grega em todo o seu esplendor, a autora procura, no entanto, levar o leitor a compreender a sociedade grega tal como ela seria e, para isso, cria explicações engenhosas para todo e qualquer evento que poderia, na época, ser classificado como sobrenatural. Assim sendo, e entre outros factos, não há qualquer referência à decisão de Páris sobre a beleza das deusas; Aquiles apenas apresenta uma pequena tendência (que se vem a revelar fatal) para torcer o calcanhar direito e a armadura que lhe é dada depois da morte de Pátrocles não provém de Tétis, mas de Ulisses, que o aconselha a referir a mãe como sua doadora.

A sociedade, porém, é apresentada como profundamente marcada pelas divindades e seria possível aceitá-la tal como é descrita na obra: os acontecimentos sobrenaturais são fruto do pensamento religioso e/ou supersticioso do homem de então e, assim como há crentes, há descrentes (como Ulisses) que não têm qualquer remorso em utilizar os ritos em seu favor, nem temem desobedecer às regras estabelecidas para alcançarem o fim que se propõem.

Esta verosimilhança encontra-se também nas explicações dadas para respeitar a evolução da acção tal como Homero a apresentou, mas sem cair em lugares comuns. Vários são os exemplos: os amores de Páris e Helena são apenas um pequeno pretexto para declarar guerra a Tróia; dá-se primazia à razão comercial para despoletar a guerra (declarando-se que os reis gregos não lutariam por uma simples mulher) e a zanga de Aquiles e Agamémnon relativamente a Briseide é apenas um ardil forjado por Ulisses para enganar os Troianos, fazendo-os sair de Tróia e provocar as hostilidades finais e decisivas.

Porém, nem para tudo se encontra explicações concretas. De facto, muitas são as figuras e lendas mitológicas apenas mencionadas, mas não factualmente explicadas. Se, para um leitor entendido no assunto, este pormenor se reveste de pouca importância, para um menos informado a mensagem torna-se por vezes algo incompreensível. As notas do tradutor são de louvar, mas, como é óbvio, muito fica por dizer. Referências como o suicídio de Fedra, o amor de Orfeu e Eurídice, o antigo poder matriarcal, Asclépio ou as Harpias podem tornar-se ininteligíveis para alguns leitores, pelo que não teria sido despropositado colocar, em apêndice, um pequeno

Recensões

resumo explicativo das lendas e figuras não exploradas. No entanto, estas menções esporádicas podem estar ligadas ao propósito consciente de despoletar a curiosidade do leitor para temas ligados à Antiguidade Clássica, levando-o a investigar por sua conta, o que seria muito louvável. Nesta linha, parece-nos de realçar o pequeno posfácio à obra, onde são deixadas algumas pistas de investigação relativamente, por exemplo, às fontes literárias sobre a guerra de Tróia, às investigações arqueológicas sobre a mesma ou aos sistemas de medida utilizados.

Já a nomenclatura de lugares e personagens deixa um pouco a desejar. De facto, e como os nomes referidos na obra têm tradução portuguesa, não nos parece correcto que alguns não sejam bem traduzidos, como é o caso de Hefesto (denominado Hefaísto) ou Perséfone (e não Perséфона). Uma revisão um pouco mais cuidada poderia evitar esta situação, assim como algumas gralhas tipográficas.

Nada disto, porém, retira mérito a uma obra que, por ser romanceada, se liberta do espartilho da verdade histórica para se rodear de uma aura de fascínio que prende o leitor do início ao fim. Baseando-se em dados arqueológicos concretos e não prescindindo do imaginário que enforma a lenda, a autora consegue assim recriar o ambiente cultural grego e troiano, transportando-nos para um mundo ficcional, mas verosímil, que nos permite visualizar a vida no mar Egeu como ela pode ter existido.

MAFALDA FRADE